

Processos de produção dramaturgica contemporânea – Um estudo sobre a Companhia do Latão

Gabriela Villen Freire Malta
Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo
Jornalista e pesquisadora

Resumo: A partir da investigação sobre processo de construção dramaturgica da Companhia do Latão, este estudo tem como objetivo contribuir para um melhor entendimento do papel do teatro contemporâneo e da sua importância na compreensão da sociedade brasileira do século XXI. Nosso principal foco será a peça teatral *Visões Siamesas*, criada coletivamente pela Companhia, tendo em vista se tratar de uma síntese do trabalho desenvolvido pelo grupo. Partindo da confluência das matrizes Machado de Assis e Bertolt Brecht, que originaram a peça, este trabalho pretende entender o diálogo entre a obra e o contexto sócio-histórico em que está inserida. Estipulou-se para início da pesquisa a década de 1960, tendo em vista que aparecem ali, em sua melhor forma, os grupos de teatro de pesquisa, tradição da qual a Companhia do Latão faz parte. Para além da esfera do teatro, esta década deixou marcas profundas na vida cultural, política, social e econômica de nosso país, podendo ser lida como um ponto chave para compreensão da história nacional. Interessa-nos entender quais foram as verdadeiras mudanças em termos de experiência cultural e política causadas pelo Golpe de 1964 e o que foi fomentado mesmo debaixo da repressão do AI-5, bem como suas consequências nas décadas que o seguiram. Algumas problemáticas exigiram uma discussão prévia para que fosse possível definir diretrizes sobre o caminho que se pretendia trilhar. Para tanto, faz-se uso de algumas das proposições metodológicas indicadas por Karl Marx, segundo as quais a apreensão do mundo real não se dá a partir de um método determinado a priori, tendo este que ser deduzido do próprio objeto de estudo. Por tanto, o passo inicial e determinante para todo o trajeto é a análise imanente, isto é, a análise do objeto de pesquisa como fonte primeira e da qual deve retirar o máximo possível de determinações e os caminhos para pesquisá-lo.

A Companhia do Latão é um grupo de pesquisa e experimentação teatral, que atua desde 1996, na cidade de São Paulo. Desde seu início, o grupo procurou formas coletivizantes de trabalho, apostando na criação conjunta do texto dramaturgico, a partir do diálogo entre atores, diretores, músicos e dramaturgos. Durante seu percurso de trabalho, o grupo experimentou e reinventou os princípios do teatro dialético de Bertolt Brecht, afirmando sua relevância e atualidade na contestação da sociedade capitalista brasileira do século XXI.

O desenvolvimento simultâneo de estudos teóricos e prática teatral apresenta-se como marca fundamental do trabalho do grupo. É partindo de uma proposta de pensar o Brasil e representá-lo no palco de maneira viva e crítica, que a Companhia do Latão elabora sua dramaturgia. Associaram-se: pesquisa teórica, experimentalismo

formal e rigor artístico. Conforme destaca o diretor do grupo, Sérgio de Carvalho, há um “projeto de construção de uma arte dialética, aquela que se funda na crítica às formas dominantes de representação dos processos sociais e procura um ação cultural desalienante”¹.

Dentro desta ótica, Bertolt Brecht torna-se referência central para o grupo. Além do posicionamento político marxista, o dramaturgo alemão lança a pedra fundamental do trabalho de criação da Companhia: não basta um conteúdo crítico, as contradições sociais têm que aparecer na forma. A primeira consequência tirada dessa premissa foi uma maneira de abordagem dos assuntos, pela cena, que guardasse certa inadequação com os materiais propostos. Segundo a leitura que o grupo fez de Brecht, uma “medida de não reconhecimento do material” seria necessária para provocar uma desautomação do olhar. “Eu vejo a cena que eu sempre vi, mas de uma outra perspectiva”. O tema da cena pode ser familiar, mas não se apresenta na forma como se está habituado a ver. Esse contraste agiria como ativador de questionamento e reflexão sobre o tema encenado. O projeto de dialética aplicada ao teatro proposto pelo grupo “deveria ser um projeto de choque com as expectativas ideológicas dominantes, sobretudo aquelas ocultas nas formas; e deveria almejar, enfim, modificar a função convencional do teatro, deslocando a relação com o aparelho produtivo.”²

Esse modelo de dramaturgia oferecido por Brecht vai aparecer nos trabalhos da Companhia do Latão de modo geral. Na peça *A Comédia do Trabalho*, por exemplo, há uma cena na qual um sujeito está no alto de um prédio determinado a cometer suicídio. A população que percebe o fato e se aglutina para observá-lo, canta uma canção que entra em choque com o caráter humanista e dramático que se supunha exigir naquela situação:

Pode se matar,
 Isso não altera nada.
 Um jato d’água forte
 Lava o sangue da calçada. Morte é morte,
 Viver é que é um erro.

¹ CARVALHO, Sérgio e colaboradores. *Atuação Crítica – entrevistas da Vintém e outras conversas*. São Paulo: Expressão Popular. 2009. p.11.

² CARVALHO, Sérgio (org.). *Introdução ao Teatro Dialético – experimentos da Companhia do Latão*. São Paulo: Expressão Popular. 2009. p.18

Vai sobrar pra tua mãe
A conta do enterro.³

Como podemos observar nesse exemplo, a dramaturgia não se restringe à quebrar o ilusionismo dramático, ela escancara para o espectador uma parte da realidade do fato, que seria encoberta por uma representação sentimental da cena. Assim, utilizando-se de uma representação não-realista, a cena alcança maior abrangência interpretativa sobre o fato, do que lograria uma opção cênica realista presa a aparências.

Pode-se identificar nesse modo de confecção da cena um conceito brechtiano central: o *efeito de estranhamento*. O ator não necessariamente abandona seu personagem para comentar algo com a platéia, mas inclui em seu modo de representar determinado personagem, ou determinada situação, elementos que o neguem, ou que contrariem a expectativa de representação dominante no público. O radical da proposta brechtiana é que esta não se resume a uma técnica formal, mas se realiza no trânsito com a platéia, “na percepção crítica social gerada pela representação”⁴. Em *Santa Joana dos Matadouros*, texto dramaturgic de Bertolt Brecht encenado pela Companhia em 1998, é possível perceber essa relação entre o recurso técnico e seu efeito. O personagem Bocarra, grande capitalista, proprietário de uma indústria de carne enlatada, abre a peça com um discurso poético sobre a crueldade do matadouro. O tom elevado, em contraste com o assunto mundano, provoca no público uma atitude reflexiva. Ao ridicularizar o tom dignificante do discurso, o texto provoca um olhar crítico sobre o assunto e ao mesmo tempo estimula o interesse sobre um tema, supostamente banal.

Lembra-te, Cridle, o dia
Em que percorrendo o matadouro – era noite –
Paramos ao pé da máquina de enlatar presunto?
Lembra-te ó Cridle, aquele vitelo

³ CARVALHO, Sérgio, e MARCIANO, Márcio. “A Comédia do Trabalho”. In: *Companhia do Latão 7 peças*. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p.104

⁴ CARVALHO, Sérgio (org.). *Introdução ao Teatro Dialético – experimentos da Companhia do Latão*. São Paulo: Expressão Popular. 2009. p.45

Que virava o olho claro, grande e obtuso para o céu
Enquanto entrava na faca? Senti como se fosse carne
Da minha carne.
Ai de nós, Cridle, como é sangrento o nosso comércio.⁵

O passo seguinte foi buscar as particularidades históricas brasileiras e analisá-las sob o prisma da tensão entre forma e conteúdo, sugerido por Brecht. A Companhia debruça-se sobre a obra de Sérgio Buarque de Holanda, com intuito de desenvolver uma melhor compreensão sobre algumas das características da formação nacional, que marcam ainda hoje nossas formas de organização social. Questões como a relação entre trabalho escravo e civilização burguesa; formas de dominação exercidas; enfim, a dificuldade de constituição de um espaço público livre dos laços familiares e do trato *cordial*, traduziu-se cenicamente já no primeiro espetáculo de dramaturgia própria, do grupo: *O nome do Sujeito*. O enredo se desenvolve ao redor da figura de um Barão, a um só tempo proprietário de escravos e representante da *elite modernizadora* pernambucana. Em um retrato de uma burguesia *cordial*, simpática, letrada, o grupo revela um mundo do trabalho onde o campo social do conflito não se define. Radicalizando esta contradição na forma do espetáculo, este personagem, nunca entra em cena, só é referido na peça pelos outros.

Trata-se do Barão, homem, já ouviu falar?

(...)

É um homem erudito, erudito, vou te explicar. Ele passa o tempo metido com livros. Ele escreve, pensa muito e se entristece com as coisas do mundo. Não posso comprar um escravo qualquer para fazer companhia a um espírito tão elevado.⁶

Projeta-se nesse espetáculo a problemática formação do sujeito no Brasil, estudo que seria aprofundado posteriormente pela Companhia. Para debater o assunto,

⁵ BRECHT, Bertolt. “Santa Joana dos Matadouros. In *Teatro Completo*. Vol 4. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1990. p. 15.

⁶ CARVALHO, Sérgio, e MARCIANO, Márcio. “O Nome do Sujeito”. In: *Companhia do Latão 7 peças*. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p.42.

chamam, em 1999, Francisco de Oliveira. O sociólogo propõe a seguinte formulação: “O indivíduo moderno criado pela racionalidade burguesa não se forma no Brasil”⁷. Segundo ele, a chave do ideário liberal é a autonomia, exercida como direito individual de escolha no mercado. Algumas das sociedades formadas à margem do capitalismo central, e desenvolvidas para servi-lo, não são regidas por essa racionalidade burguesa. No caso do Brasil, marcado pelo longo período escravista e sua sociabilidade baseada no *mando* e no *favor*, não há lugar para autonomia.

As peças que a seguiram voltaram a abordar o tema e procuraram avançar sobre ele. Em *O Auto dos Bons Tratos*, abril de 2002, a Companhia do Latão mergulha no Brasil colônia, investigando as relações de trabalho e poder. Aparece nesta montagem outra característica constitutiva do trabalho do grupo: a pesquisa nasce do tema, do estudo teórico desenvolvido no processo de criação da peça. É o estudo de determinado tema que indica o objeto da narrativa, determinando sua forma e conteúdo.

Assim, o episódio ocorrido no Brasil, em 1546, no qual um capitão donatário, acusado de blasfêmia e heresia, é preso e extraditado para Portugal, por um braço da Inquisição, serve ao grupo para discutir as formas de dominação e controle do trabalho que estruturam nossa sociedade. “Nos domínios rurais, a autoridade do proprietário de terras não sofria réplica. Tudo se fazia consoante sua vontade, muitas vezes caprichosa e despótica.”⁸ A exacerbação dos traços de *cordialidade*, como definido por Sérgio Buarque de Holanda, compõem a personagem Pero Campo Tourinho que, quase à moda trágica (se não fosse irônica), paga por sua desmedida. Regido apenas por sua vontade, sem limites, Tourinho obriga seus escravos a trabalhar aos domingos e feriados religiosos, entrando em confronto direto com a Igreja.

TOURINHO Quero prender o padre.

ESCORCYO Sr. Tourinho, o que ele fez para isso?

TOURINHO Então não soube que ele me desacatou?

ESCORCYO Soube que o senhor invadiu a igreja e fez o vigário se esconder atrás do altar.

⁷ OLIVEIRA, Francisco. Entrevista. In: *Atuação Crítica – entrevistas da Vintém e outras conversas*. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p.18.

⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo. Companhia das Letras, 1995. p.80.

TOURINHO Pois eu tinha avisado ao infame, já bastam os santos que existem no calendário. Não me apareça com novidades e mais dias de festa que perturbem meu trabalho.⁹

A trajetória da Companhia do Latão revela, portanto, a *dialética* marxista em experimentação na cena, no texto e no modo de produção. Questionando desde as práticas de ensaio, até os resultados formais encontrados, o grupo mantém como constante o “método das contradições”, que não resolve, não pacifica, ao contrário provoca o público à ação, seja no processo de construção e compreensão das peças, seja no mundo que extrapola as paredes do teatro.

⁹ CARVALHO, Sérgio, e MARCIANO, Márcio. “O Nome do Sujeito”. In: *Companhia do Latão 7 peças*. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p.156.